

AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.

THE SPACE EXPERIENCES OF FISHERMEN IN COMMUNITY OF CARAPANATUBA- SANTARÉM/PA.

LAS EXPERIENCIAS ESPACIALES DE LOS PESCADORES EM LA COMUNIDAD DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.

SOUZA, Agriane Caldeira

RESUMO

O artigo vem de uma proposta inicial de pesquisa de mestrado ainda em processo que tem como tema central evidenciar as vivências espaciais dos pescadores de Carapanatuba-Santarém no Oeste do Pará. A pesquisa é qualitativa, tendo suporte da fenomenologia, pois consideramos que é o caminho que nos possibilita entender a essência e particularidade de cada indivíduo e permite compreender suas percepções dos seus lugares de vivência a partir de suas experiências vida. Autores como Tuan (2012), Santos (2002), Corrêa (2003), nos auxiliaram nas categorias de espaço e lugar para a compreensão do nosso objetivo que é analisar o espaço de vida e de trabalho dos pescadores(a)s da comunidade de Carapanatuba e identificar, a partir de histórias orais, seus saberes, tradições e relação com a natureza. Diegues(2001), Cardoso(2003) que realizam pesquisas sobre a pesca no interior da Amazônia foram referenciais importantes para compreender as dinâmicas pesqueiras na Região. Os Resultados são parciais, no entanto percebe-se que aquisição do saber tradicional possui raízes na infância evidenciadas em pequenas práticas cotidianas e também por meio da oralidade, em que são socializados os saberes sobre a dinâmica da natureza, e que eles têm constroem relações simbólicas e afetivas com seus lugares de vida e trabalho.

Palavras-Chave: Pescador. Saber tradicional. Experiências.

ABSTRACT

The article comes from an initial proposal for a master's research, still in process, whose central theme is to highlight the spatial experiences of fishermen from Carapanatuba-Santarém in West Pará. The research is qualitative, supported by phenomenology, as we consider it to be the path that allows us to understand the essence and particularity of each individual and allows us to understand their perceptions of their places of life based on their life experiences. Authors such as Tuan (2012), Santos (2002), Corrêa (2003), helped us in the categories of space and place to understand our objective, which is to Analyze the living and working space of fishermen in the community of Carapanatuba and identify, from oral histories, its knowledge, traditions and relationship with nature. Diegues(2001), Cardoso(2003), who carry out research on fishing in the interior of the Amazon, were important references to understand the fishing dynamics in the Region. The Results are partial, however it is clear that the acquisition of traditional knowledge has roots in childhood, evidenced in small daily practices and also through orality, in which knowledge about the dynamics of nature is socialized, and that they have built symbolic relationships and affective with their places of life and work.

Keywords: Fisherman. Traditional knowledge. Experiences.

RESUMEN

El artículo surge de una propuesta inicial de investigación de maestría, aún en proceso, cuyo tema central es resaltar las experiencias espaciales de los pescadores de Carapanatuba-Santarém en el Oeste de Pará. La investigación es cualitativa, sustentada en la fenomenología, como la consideramos. el camino que nos permite comprender la esencia y particularidad de cada individuo y nos permite comprender sus percepciones de sus lugares de vida a partir de sus vivências. Autores como Tuan (2012), Santos (2002), Corrêa (2003), nos ayudaron en las categorías de espacio y lugar a entender nuestro objetivo, que es Analizar el espacio de vida y trabajo de los pescadores en la comunidad de Carapanatuba e identificar, a partir de historias orales, su conocimiento, tradiciones y relación con la naturaleza. Diegues (2001), Cardoso (2003), quienes realizan investigaciones sobre la pesca en el interior de la Amazonía, fueron referentes importantes para comprender la dinámica pesquera en la Región. Los Resultados son parciales, sin embargo es claro que

la adquisición de conocimientos tradicionales tiene sus raíces en la infancia, evidenciada en pequeñas prácticas cotidianas y también a través de la oralidad, en las que se socializan conocimientos sobre la dinámica de la naturaleza, y que se han construido relaciones simbólicas y afectivas. con sus lugares de vida y trabajo.

Palabras Clave: Pescador. Conocimientos tradicionales. Experiencias.

INTRODUÇÃO

O modo de vida e a dinâmica territorial das populações ribeirinhas são objetos de estudo de várias ciências. Na Geografia abrem-se diferentes possibilidades de investigação científica. E o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos da área pesqueira sempre estiveram presentes nos estudos, discussões e debates geográficos brasileiros e internacionais. Assim, verificamos que essa conexão essencial entre a Geografia e o campo de estudos pesqueiros vem fortalecendo-se ao longo do tempo.

Na região Amazônica é possível encontrar os ribeirinhos ao longo dos rios que cortam esse vasto território e que vai além das fronteiras brasileiras. O modo de vida destes ainda tem forte tradição dos que viviam o período pré-colonial e colonial, mas com técnicas e instrumentos do tempo presente. Uma parte das populações citadinas da região vê os ribeirinhos de forma preconceituosa, como pobres e atrasados. No entanto, suas relações espaciais são existenciais na essência, pois sobrevivem da atividade pesqueira, extrativista vegetal e de pequenas plantações de subsistência, em que o modo de vida e a dinâmica são regidos pelo tempo da natureza.

Os rios são cenários que representam o lugar de abrigo e de trabalho. Nas paisagens, não apenas vistas, mas percebidas pelos ribeirinhos, no sentido Lefebvriano, ao que se refere como um sujeito percebe uma imagem, uma paisagem, um monumento. Evidentemente a percepção depende do sujeito: um camponês não enxerga “sua” paisagem da mesma forma que um morador da cidade desfruta um passeio por lá (LEFEBVRE, 1991, p. 113). Dessa forma, é possível refletir sobre determinadas condições de produção da vida e dos laços que os pescadores têm com o lugar. Cruz (2007) apresenta o rio como “espaço de referência identitária” na Amazônia, pois o rio para os pescadores, vai além do “espaço físico natural”, ele uma vez que é fonte de recursos financeiros (pesca), é fundamental como meio de transporte, contribuindo também para o ritmo social ligado à temporalidade destas populações. O rio é fonte de sobrevivência, pois dele os ribeirinhos tiram o principal alimento que subsidia também o sustento financeiro das famílias, e representa o ser ribeirinho, aquele que vive as margens do rio.

“Do rio o homem extrai seu alimento básico, faz dele sua estrada e seu caminho. O rio é sua fonte de abastecimento d’água e de suas culturas agrícolas. Seu mundo de lendas, alegrias e medos” (LOUREIRO, 1992, p. 26). Do movimento de subida e descida de pequenas, médias e grandes embarcações pelos rios e seus afluentes é possível refletir sobre a reprodução e a produção das relações sociais e das sociabilidades entre grupos de pescadores e suas relações de gênero. Nesse sentido, buscamos trazer o debate sobre o saber tradicional e as experiências dos pescadores na comunidade de Carapanatuba, pois, acreditamos que estes sujeitos e suas relações territoriais dizem muito sobre as permanências e transformações sociais, espaciais e temporais no lugar objeto deste estudo.

A partir disso o nosso objetivo geral foi de analisar o espaço de vida e de trabalho dos pescadores(a)s da comunidade de Carapanatuba e identificar, a partir de histórias orais, seus saberes, tradições e relação com a natureza. Esses pescadores, muitos deles são pais, avôs, maridos, lideranças comunitárias, além de trabalharem em outras atividades rurais para a sua subsistência, desempenham múltiplos papéis sociais, construindo suas identidades que assim estão associadas a experiências e vivências do saber/fazer de atividades pesqueiras em comunidades ribeirinhas, e aqui em especial à comunidade de Carapanatuba, área de investigação desta pesquisa.

AS EXISTÊNCIAS DOS SUJEITOS QUE FAZEM A PESCA ARTESANAL NO INTERIOR DA AMAZÔNIA PARAENSE

Os estudos sobre a pesca têm assumido um papel importante e ganhado visibilidade nos espaços acadêmicos, sobretudo, no campo das ciências humanas e sociais. Na geografia existem diversos trabalhos que se fundamentam “pescador”, com vistas a compreender como esses “sujeitos” se relacionam com o meio através de seus saberes tradicionais de pesca. É neste caminho que investigamos as relações dos pescadores com o espaço mais imediato de suas relações familiares, na comunidade e no trabalho que são lugares vividos e percebidos por meio de experiências em que a pesca é central.

A intenção de adentrar nessa discussão no campo da geografia é contribuir para o debate dos valores que o ser humano atribui às suas experiências de vida, articuladas à organização espacial em torno de um lugar cheio de significados. Em relação ao grupo estudado, especificamente, pensamos em uma organização espacial de uma comunidade ribeirinha de pescadores, com o intuito de descobrir a pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de uma identidade ou de identidades do ser pescador.

Logo, procuramos entender suas histórias de vida pautadas na atividade da pesca, através de saberes culturais, habilidades práticas e saber fazer transmitidos oralmente na comunidade com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida, percebendo assim que a atividade da pesca nesses espaços pode ser vista como parte integrante e essencial de suas trajetórias de vida. Compreender e preservar os saberes tradicionais carregados por esses povos que tem suas vivências diretamente relacionadas com a natureza. O senso comum não deve ser censurado ou reprovado a partir de uma perspectiva científica, como se a ciência, do alto de sua arrogância, fosse de fato infalível e absolutamente superior, mas muito menos deve-se deixar de submeter saber comum (SOUZA, 2018).

Posto isto, via-se a necessidade e relevância de se buscar o entendimento dos saberes tradicionais desses grupos, e aqui em especial os de pescadores, que surgem por meio da relação homem e natureza, do ser e do fazer pescador em comunidades no interior da Amazônia, e levar ao entendimento da pluralidade existente no Brasil, e a partir disso, possibilitar ecoar as vozes desses povos que vivem em regiões descentralizadas, e se faz importante e necessário que se teorize no âmbito acadêmico, saberes e trajetórias de vida de pessoas que “naturalmente” são margeadas na sociedade, por alguns, como sendo seres sem importância e sem saber.

Os pescadores e pescadoras artesanais, bem como alguns outros grupos que configuram comunidades tradicionais, apresentam relações culturais, sociais, territoriais e políticas diferentes do homem moderno. Eles possuem os seus tradicionais modos de viver e de lidar com a natureza, seus saberes, têm suas histórias e raízes profundas que são passadas dos mais velhos para os mais novos. A pesca artesanal na contemporaneidade se faz atividade capaz de absorver trabalhadores - os pescadores - que dela retiram a sobrevivência, mas nela se perpetua a arte de pescar e a história e o saber são passados de geração a geração, (SILVA, 2008, pág. 92).

O pescador artesanal possui seu universo como um todo conectado, logo, as suas relações com o meio natural são profundas e inseparáveis. O rio, o lago, o igarapé não são apenas meros elementos de cenário, mas fatores indispensáveis na representação e construção do modo de ser e viver das populações pesqueiras. A realização da pesca artesanal está intimamente ligada ao acesso e ao uso da natureza, de forma que esta atividade se converte num elemento de organização e produção do espaço geográfico.

OS CAMINHOS DA GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

Falar de pesca é adentrar em uma temática bastante complexa, haja vista que essa atividade envolve vários agentes e é realizada em um espaço muito fluído, livre e depende muito das condições naturais de cada ambiente, das características climáticas, da distribuição do regime das águas, o que influencia diretamente nas paisagens que dão forma à região Amazônica.

Na região amazônica a atividade pesqueira remonta ao período anterior à colonização. Os nativos, habitantes desta região, já utilizavam o pescado como parte importante para a alimentação (Veríssimo, 1895; Furtado, 1989; Batista et al., 2004; Isaac et al., 2008). Aqui iremos focar em conceitos da geografia que nos direcionem a entender as experiências de vida dos pescadores de Carapanatuba, comunidade ribeirinha do interior da Amazônia Paraense.

A partir de tudo isso escolhemos trabalhar através da geografia humanística cultural, e achamos interessante trazer o conceito de alguns autores sobre cultura, para solidificar ainda mais a pesquisa. Para BOTELHO (2001), a cultura se produz por meio da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas, estando deste modo relacionados com os hábitos e costumes enraizados no cotidiano da comunidade, envolvendo as relações familiares, de vizinhanças e sociabilidade num sentido amplo, a organização dos diversos espaços por onde circula habitualmente.

Para CLAVAL, (2001);

a cultura é a soma dos comportamentos dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelo indivíduo durante suas vidas e, outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas de comportamentos (CLAVAL, 2001, p. 63).

Foi através desses conceitos que buscamos compreender na Comunidade de Carapanatuba a cultura geracional, como elas se fazem presente na atualidade, depois de tanta influência do processo de globalização. Compreender não só nos seus modos de vida, mas nas experiências do ser e do saber pescador. A cultura da pesca é labiríntica em toda a sua práxis, dada a sua construção, a sua significação e o sentido de unidade econômica e política. O fato é que o universo cultural da pesca é uma representação factual na arte de pescar, da construção dos pequenos barcos, da linguagem específica do pescador, da religiosidade e da história cotidiana dos velhos mestres da pesca, Silva (2008).

O conhecimento tradicional na pesca é entendido como um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber fazer transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida. Na pesca artesanal, o pescador age dinamicamente, unido de numerosas características – passar o saber do fazer a todos do grupo. Isso é possibilitado por um comportamento comum a todos da comunidade, podendo afirmar que a cultura do grupo em análise será resultado da capacidade dos sujeitos de si comunicarem entre si, disseminando suas práticas sociais, elo entre o presente e o passado. Silva, (2008).

Posto isto, para buscar compreender as experiências de vida dos pescadores de Carapanatuba usaremos as categorias Espaço e Lugar para subsidiar a pesquisa. O Espaço é o conceito chave da ciência geográfica. O estudo deste conceito-chave (espaço) oportuniza múltiplas possibilidades de análises, estudos e debates científicos. A geografia como uma ciência espacial, que estudaria fenômenos sociais e da natureza sob um ângulo comum, o espacial, que forneceria assim a unidade à geografia Corrêa(2003).

Espaço e lugar são usados por vários autores de diferentes correntes do pensamento geográfico. Aqui usaremos os conceitos de alguns autores da geografia como Milton Santos(2002), Marcelo Lopes de Souza (2018) Yi-Fi Tuan(2012) e suas concepções de espaço e lugar.

Para Milton Santos, o conceito de espaço é indivisível do homem que o habita e o modifica todos os dias. O espaço é palco de contradições, tensões, resistência e de lutas, é local onde as práticas e as relações socioculturais são construídas, vivenciadas e fortalecidas. O espaço é, antes do mais, especificação de todo social, um aspecto particular da sociedade global, Santos (2002).

O espaço é o elemento imprescindível para a reprodução da sociedade. Essas relações na atividade pesqueira são representadas por diversas modalidades de uso do espaço. Sua especificidade reside na

articulação entre os meios aquático e terrestre, sendo que o primeiro comporta os processos de apropriação da natureza e o segundo significa os espaços de morada do pescador e o da realização do pescado enquanto mercadoria, Cardoso (2003). Nesse espaço de morada e de trabalho o pescador pode criar vínculos de aprendizado, respeito e gratidão por esse lugar.

Posto isso, TUAN (2012) nos diz que espaço e lugar são familiares e que indicam experiências comuns, o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade, o espaço é mais abstrato que o lugar

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] se pensarmos no espaço como algo que permite o movimento, então, lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 2012, p.14).

Ele ainda destaca que o "Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...) Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos" (TUAN, 2012, p. 203). Só nos familiarizamos com um lugar após algum tempo. Segundo TUAN (1979) no estudo do espaço no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência. Correa (2003) traz a argumentação de Yi-Fu Tuan (1979) ainda sobre o conceito de espaço: existem vários tipos de espaços, um espaço pessoal, outro grupai, onde é vivida a experiência do outro, e o espaço mítico-conceitual que, ainda que ligado à experiência, "extrapola para além da evidência sensorial e das necessidades imediatas e em direção a estruturas mais abstratas" (TUAN, 1979, p. 404).

Lugar é por sua vez definido por e a partir de apropriações afetivas que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas às relações humanas que vão criando laços afetivos, pertencimento, que vão sendo construídos nas vivências diárias. Podemos considerar a partir disso que o espaço vivido pelos pescadores de Carapanatuba se dá a partir dessas relações do dia a dia, no seu lugar de vida e de trabalho através da partilha de um espaço em comum, nas formas materiais, nas trocas de saberes pesqueiros, e também no ser pescador e do estar no rio cotidianamente.

Nessa condição de espaço vivido, trazemos aqui a fala do autor Otto Friederich Bollnow, na sua obra "Homem e o espaço" (2008). Ele coloca duas condições ao espaço: o espaço vivido e o espaço vivenciado, para que se possa ter uma melhor compreensão da organização da existência humana. Dessa forma analisamos que a partir desses conceitos dados por Bollnow (2008), é que podemos analisar melhor as vivências espaciais dos pescadores de Carapanatuba.

Bollnow (2008) conceitua espaço vivenciado e espaço vivido da seguinte maneira:

Pode facilmente ser tomado num sentido subjetivo, como a maneira como um espaço é experimentado por um homem, espaço que, como tal, já está aí independentemente da maneira como se torna vivenciado, quando o complemento "vivenciado" se refere somente à coloração subjetiva que se sobrepõe ao espaço. Logo, a denominação "espaço vivenciado" pode ser facilmente entendida como "experiência do espaço" no sentido de uma simples circunstância psíquica. Em contraposição, a expressão do espaço vivido tem preferência quando expressa que não se trata de nada psíquico, mas do próprio espaço, uma vez que o homem nele vive e com ele vive. Trata-se do espaço como meio da vida humana (BOLLNOW, 2008, p.16).

Para o autor o espaço vivido e o espaço vivenciado são diferentes, neste último deve se levar em consideração a experiência no espaço que interfere nos seus modos de vida, e o espaço vivido é o espaço concreto real, no qual acontece a vida. Nessa linha de pensamento do autor, associado aos pescadores de Carapanatuba, podemos considerar o espaço vivenciado como os espaços dentro da comunidade, pescando, navegando pelos rios, lagos e igarapés nas suas embarcações, construindo suas ferramentas de trabalho, trocando suas experiências na vivência do dia a dia, onde trocam suas experiências, realizam seu fazeres, pescam, estão em contato direto com os rios e igarapés, e ao mesmo tempo construindo sentimentos de afetividade com o lugar e também pela atividade pesqueira, até mesmo pelos companheiros de jornada dessa atividade

Já o espaço vivido pode ser qualquer outro espaço vivenciado por eles, como a cidade de Santarém, por exemplo, que é a cidade mais próxima, do qual eles podem ir e ao encontro de bens e serviços que não são encontrados nos espaços rurais, mas dela não se apropriam, pois podem voltar para seu espaço de vivência, seu lugar de morada permanente, pelo qual podem ter laços de afetividade, assim como Tuan diz que “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN 2012, p.14).

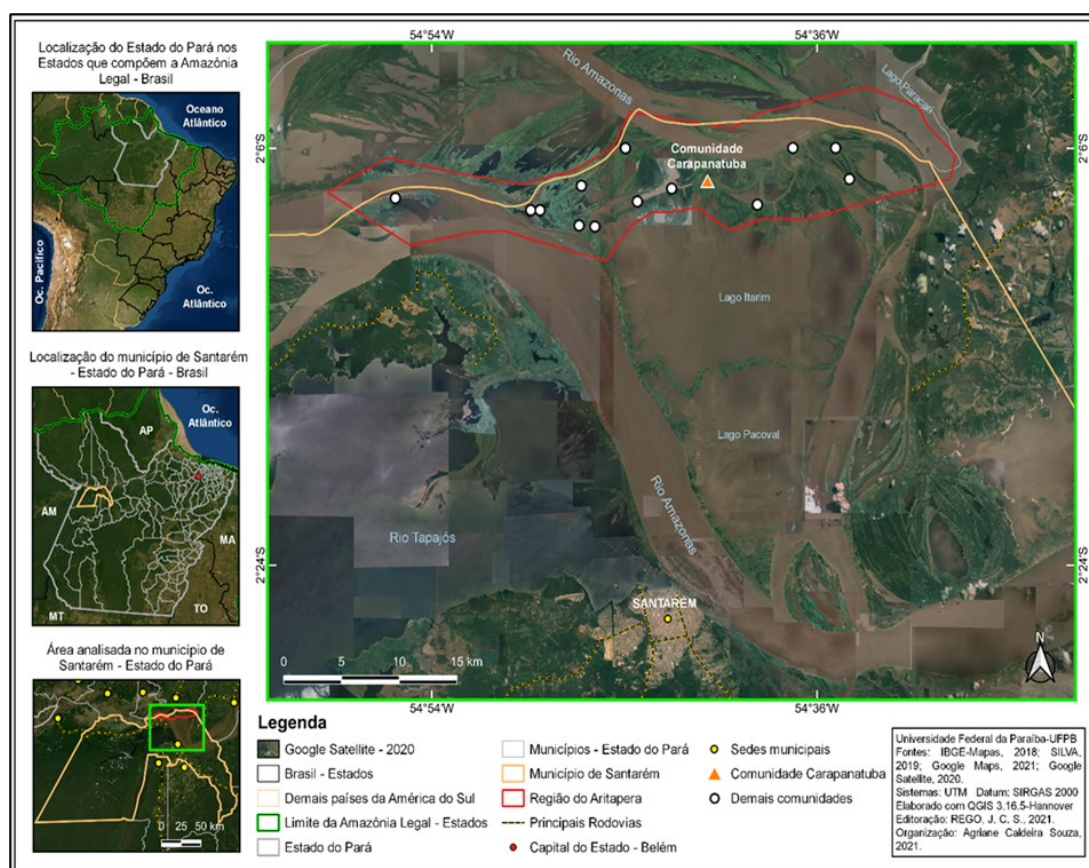
A priori, foram através desses conceitos que trabalhamos, para analisar os espaços de vivência dos pescadores de Carapanatuba e buscar compreender seus olhares sobre o seu lugar de morada. Estudar os lugares significa examinar um fenômeno específico do mundo vivido, elucidando a intensidade das experiências no Lugar (SERPA, 2021). Yi-Fi Tuan, na sua obra “Espaço e Lugar”, nos possibilita enxergar o lugar em diferentes escalas, como uma cidade, uma comunidade, um bairro, uma estrada, uma casa, tudo pode ser lugar, basta que neles tenham vidas, intimidade, relações de afetividades e representações simbólicas. Dessa forma pode ser vista na vivência dos pescadores de Carapanatuba, nas suas relações simbólicas com a comunidade, com o rio, com a pesca, com os seus instrumentos de pescaria, enfim. Tuan (2012) nos permite avaliar o lugar como uma ferramenta para buscar compreender a relação do homem-sujeito com o seu meio.

COMPREENDENDO AS PERCEPÇÕES DOS PESCADORES DE CARAPANATUBA E CONHECENDO SEU LUGAR DE VIDA E DE TRABALHO.

A escolha da temática que deu origem a este trabalho partiu do meu percurso de graduação em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. A partir do contato com a geografia passei a olhar o espaço ao meu redor de forma mais apurada, relacionando o conhecimento empírico com o científico e buscando compreender melhor as distintas realidades. Oriunda da comunidade de Carapanatuba/Pa, lugar onde passei toda minha infância, me criei, conhecia toda dinâmica local da comunidade, mas não compreendia a “multidimensionalidade do vivido” exercida naquele lugar, mas com as contribuições dos estudos geográficos pude lapidar melhor essas informações, e isso me despertou o interesse por essa investigação.

A comunidade de Carapanatuba fica localizada na margem esquerda do rio Amazonas, dentro da região da Aritapera, em área interiorana da cidade de Santarém no oeste do Pará. A comunidade possui características típicas de áreas ribeirinhas de várzea da Amazônia. Para situar o leitor, considero importante tecer breves considerações a respeito das áreas de várzea da Amazônia. As várzeas amazônicas são áreas úmidas que inundam periodicamente por ocasião das enchentes, quando nível das águas no local, provenientes dos rios, começa a subir e atingir os terrenos, ou por vezes até as casas dos moradores. Para ilustrar o espaço, objeto de nosso estudo, apresentamos na figura a seguir.

Figura 1 – Localização da Comunidade Pesqueira de Carapanatuba no Estado do Pará.



ORGANIZAÇÃO & ELABORACAO: SOUZA, A.C.;REGO,J.C.S.SANTARÉM/PA.2021.

Vivendo em ambiente de várzea, as margens do rio Amazonas, os moradores da comunidade de Carapanatuba estabeleceram seus modos de vida, baseado na atividade da pesca, seja ela na dieta alimentar ou fazendo parte da renda das famílias. No entanto, a atividade da pesca abrange outras dimensões além do viés econômico e alimentar, mas também a de dimensão cultural, sociais e ambientais.

As comunidades ribeirinhas trazem suas histórias enraizadas, passando sua cultura e seus hábitos de geração a geração, tornando, assim, a pesca mais que uma profissão, mas um modo de vida livre e autônomo. São comunidades que possuem conhecimento acumulado em relação ao uso do espaço e dos recursos naturais. Dada esta percepção, utilizam sistemas tradicionais de manejo, o que garante a sustentabilidade do uso dos recursos (DIEGUES, 2001).

FIGURA 2. Comunidade de Carapanatuba, Santarém/Pará.



Fonte: Comunidade de várzea de Santarém/Divulgação/Sapopema. 2020.

Carapanatuba, como é usual em toda área de várzea em Santarém, é uma comunidade ribeirinha que têm o ritmo da vida cotidiana inspirado diretamente no ritmo das chuvas e hidrológico. A alternância entre secas e cheias se reflete de forma bem marcada em todas as instâncias da vida social dos moradores: na disposição das casas, nas atividades econômicas, nas festas, no planejamento das escolas. Os moradores da Comunidade têm o rio como sua principal via de acesso, ele é a porta de entrada e de saída da comunidade, e é considerado por eles como a “rua”.

Para a execução do trabalho na comunidade foram realizadas pesquisas de campo no período de julho de 2020, no período da enchente e fevereiro de 2021 no período da vazante, em períodos curtos devido a pandemia da covid-19, e assim seguindo todos os protocolos de segurança.

Para a Coleta de dados contamos com o suporte da fenomenologia pois consideramos que é o caminho que nos possibilita entender a essência e particularidade de cada indivíduo e permite compreender suas percepções dos seus lugares de vivências a partir de suas experiências de vida.

Para Martins (2009. p. 44) a fenomenologia

“fundamenta-se na busca do conhecimento a partir da descrição das experiências como estas são vividas, não havendo separação entre sujeito e objeto”, ou seja, a experiência do vivido é o que interessa, sem vivência não há conhecimento sobre o sujeito, a fenomenologia está voltada para a compreensão das existências, e aqui nas existências dos pescadores de Carapanatuba. (Martins, 2009.p.44).

Para colher os dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e conversas informais. A utilização da entrevista na pesquisa social deve-se a uma série de razões: a) a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano. Carlos (2008). Além do suporte da história oral, José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda nos apresentam um dos conceitos sobre História Oral: “História Oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através de uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 18).

Para a autora Delgado (2010), a história oral é um procedimento metodológico que busca registrar através de narrativa induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações através de histórias e suas múltiplas dimensões: temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartilhamento da história vivida, mas sim, o registro e depoimento dessa história vivida, na verdade os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituições de fontes orais que traduzem visões particulares e de processos coletivos. Foi nessa perspectiva que buscamos nos pescadores de Carapanatuba, conhecer seus saberes e experiências pesqueiras e suas percepções e concepções dos seus lugares de vivências. Foram utilizadas ferramentas para capturar as informações, como celular, câmera fotográfica, gravador de voz, caderno de anotações, e outros materiais que auxiliaram na pesquisa. Fazendo um adendo, os resultados aqui serão parciais, haja vista que a pesquisa ainda está em processo de construção.

A PERCEPÇÃO DOS PESCADORES SOBRE A PESCA E SEUS LUGARES DE VIVÊNCIAS.

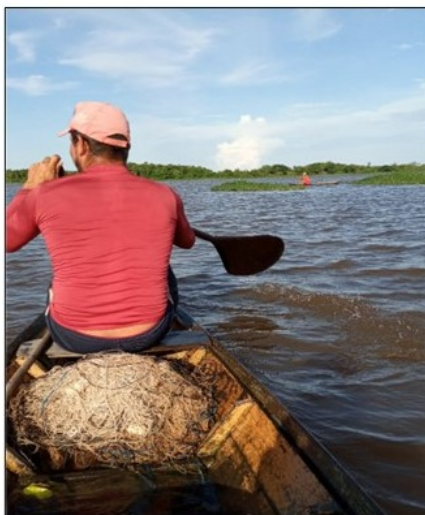
A pesca é uma importante atividade extrativa que compõe a dieta alimentar dos seres humanos e o seu estudo possibilita uma melhor compreensão da história da humanidade. A atividade pesqueira artesanal caracteriza-se como relevante fonte de renda, emprego, alimentação, cultura e lazer, possibilitando a permanência do homem em seu local de origem.

A nossa indagação inicial foi com a intenção de entender, qual o significado da pesca na vida desses sujeitos:

“Pra mim, a pesca é mais do que eu botar comida na mesa todo dia, é na hora da pesca que eu lembro das outras coisas, tem dias que é na pescaria que eu fico mais aliviado dos problemas que eu tenho, tem dias que eu quero ficar longe de casa, daí eu pego minha canoa e saio pra um lugar bem longe eu fico pescando, parece que eu fico livre.” Pescador de 39 anos. Entrevistado em julho de 2020.

A pesca se torna, de certa forma, uma atividade que possibilita um refúgio dos problemas cotidianos, tomando outras dimensões além do econômico e alimentar, mas de uma relação de afetividade do sujeito pescador, com a atividade da pesca. Lógico que é de fundamental importância para a subsistência desses grupos, mas fortalece laços afetivos com a atividade. A pesca para os pescadores é vista mais que uma profissão, é um modo de vida e de trabalho livre que tem um regime autônomo e coletivo, além de que eles possuem uma relação direta com natureza, que requer de cuidado e respeito.

Figura 3. Pescador entrevistado indo colocar sua rede de pesca.



Fonte: autora, Souza. A.C, 2020.

A pesca se manifesta como uma densidade simbólica para grande parte de grupos de pescadores, é através dela que eles se firmam enquanto pescador e como ribeirinho e enquanto comunitário.

"Na hora que eu vou pescar, ou lá no pesqueiro, acabo encontrando algum outro pescador, daí a gente fica conversando sobre o que pescou, a gente divide os pontos onde colocar a malhadeira¹, a gente fala de bola, e por ai vai. Pescador, 39 anos". Entrevistado, julho, 2020.

Figura 4. Pescadores definindo onde colocar suas redes de pesca.



Fonte: autora, Souza.A.C. 2020.

1- A malhadeira usada na linguagem do pescador, é a conhecida rede de pesca.

Foi perceptível na atividade de campo que os pescadores se organizam enquanto coletivo, e usam da partilha como ponto importante para se viver em comunidade. Outra questão feita foi sobre a visão que eles têm sobre os seus espaços de vivências cotidianas.

eu nasci aqui na comunidade mesmo, minha infância foi aqui, nunca sai daqui, assim, já fui na cidade né, mas não pra morar, eu nem me vejo longe daqui, aqui eu vivo bem, vou ali pesco um peixinho volto pra casa, deito na minha rede, pego um vento...aqui é muito bom, mana, não vive no estresse da cidade grande, né, e aqui é mora a minha família, minhas raízes, tudo o que eu sei daqui da comunidade, de pesca é deixado pelos meus parentes, antes de mim, eu gosto daqui, (...). Pescador, 47 anos, entrevistado em julho, 2020.

No contexto da fala do entrevistado, pode-se entender que ele enxerga o seu lugar de vida, através da topofilia posta por Tuan (2012), como um lugar bom de se viver, um lugar do qual se orgulha de pertencer, e por beneficência, pode carregar a geração familiar nesse lugar. Marcelo Lopes de Souza nos diz que o lugar é um espaço dotado de significados e carga simbólica, ao qual se associam imagens, muitas vezes conflitantes entre si: o lugar de “boa fama” ou de “má fama”, hospitaleiro, perigoso. O Lugar é, em princípio, um espaço vivido: vivido, claro, pelos que morram lá ou pelos que trabalham lá cotidianamente (SOUZA, 2018, pág. 36).

CONCLUSÕES

As relações espaciais se constroem através de um indivíduo ou coletivo, por meio da relação estabelecida com o outro e com o lugar, de forma que é na singularidade existente em relação a outros que as questões identitárias são evidenciadas, assim como essas relações tão intimamente ligadas aos seus espaços/lugares de vivências. A partir dessas vivências cotidianas surge o sentimento de pertencimento dos sujeitos ao lugar. É perceptível a relação dos pescadores com o rio, que eles chamam de rua, a relação com a pesca, quando se destaca que a pesca se torna um refúgio dos problemas cotidianos. Para eles não é apenas entendida como uma atividade que pode alimentar ou gerar renda da família, mas é a essência da vida desses moradores.

Mesmo ainda sendo uma pesquisa que está em construção, verifica-se a importância da pesca na vida desses pescadores, para a construção de relações individuais e coletivas, a pesca é a atividade central da comunidade, e está intimamente ligada aos modos de vida, bem como ser/saber/fazer pescador. A aquisição do saber tradicional possui raízes na infância evidenciadas em pequenas práticas cotidianas e também por meio da oralidade, em que são socializados os saberes sobre a dinâmica da natureza, e que eles tem constroem relações simbólicas e afetivas com seus lugares de vida e trabalho.

REFERÊNCIAS

- BOLLNOW, Otto Friedrich. O homem e o espaço. Curitiba. Editora da UFPR. 2008;
- BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas pública**. Disponível em www.scielo.br. Vol. 15, nº 2. São Paulo: Perspectiva, 2001 > Acesso em 01 de novembro de 2021;
- CARDOSO, E. S. **Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros**. In **GEOUSP- Espaço e tempo**. São Paulo. Nº14 pp.119-125, 2003.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis. UFSC, 2001;
- CORRÊA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003;
- CRUZ, Valter Carmo. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves. et al. (Orgs.) **Itinerários Geográficos**. Niterói. EdUFF, 2007. p. 93-122;
- DELGADO, Lucília de Almeida. **História oral-memória, tempo, identidades-2** ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010;

- DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. C. (org.). Espaços e recursos naturais de uso comum. São Paulo: NUPAUB/USP, 2001;
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas da pesquisa Social – 6 edição. Atlas. Rio de Janeiro, 2008;
- LEFEBVRE, Henri; GUTERMAN, Norbert. The Production of Space. Trad. D. Nicholson-Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1992. p 26;
- MARTINS, G, A. THEÓPHILO, C, R. Metodologia da Investigação científica para ciências aplicadas/ Gilberto de Andrade Martins, Carlos Renato Theóphilo. -2.ed.- São Paulo: Atlas, 2009;
- MEIHY, J. C. S.B; HOLANDA, F. História Oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007;
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo, EDUSP, 2002, Coleção Milton Santos, 383p.
- SERPA, Ângelo. Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. 1 ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2021;
- SILVA, Anelino Francisco da. Significado de identidade cultural da pesca artesanal no Brasil e Portugal. Natal, RN, 2008;
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio- espacial. 4ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018;
- TUAN, Yu-Fu. Espaço e lugar. A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2012; tradução de Livia de Oliveira;
- VERISSÍMO, J. 1895. A Pesca na Amazônia. Livraria Clássica Alves, 137.
- Referência lidas da Disciplina geografia da pesca artesanal:
- BERKES, Fikret. Fishermen and 'The Tragedy of the Commons". **Environmental Conservation**. . Cambridge University Press. pp. 199-206, 1985.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Mar, pesca e aquicultura:** elementos para o estudo de geografia do Brasil. GPET: UFSM, 2012. 121p.
- DE PAULA, Cristiano Quaresma de; SILVA, Christian Nunes da; SILVA, Catia Antonia da. (orgs.) **Geografia & Pesca Artesanal Brasileira**. Volume 1. Belém, Ed. Gapta, 2019.
- DE PAULA, Cristiano Quaresma de; SILVA, Christian Nunes da; SILVA, Catia Antonia da. (orgs.) **Geografia & Pesca Artesanal Brasileira**. Volume 2. Belém, Ed. Gapta, 2019.
- LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Títulos del Programa Sur-Sur. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. 130p.
- MARTÍNEZ, Silvia Alicia, HELLEBRANDT, Luceni (orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil**. Campos dos Goytacazes, RJ : EDUENF, 2019.
- OSTROM, Elionor. **Governing the Commons:** The Evolution of Institutions for Collective Action (Political Economy of Institutions and Decisions). Cambridge: Cambridge University, 1990, 270p.
- PALHETA, João Márcio; SILVA, Christian Nunes da. (Org.) **Pesca e territorialidades: contribuições para análise espacial da atividade pesqueira**. Belém: GAPTA/UFGA, 2011. v. 1. 240p .
- PROST, Catherine; SILVA, Catia Antonia (Orgs.). **Espaços Costeiros Brasileiros**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016. v. 1. 121p.
- SILVA, Catia Antonia. **Política pública e território:** desafios para efetivação de direitos dos pescadores artesanais no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro. Editora Consequência, 2015. 125p.

SILVA, Catia Antonia; DE PAULA, Cristiano Quaresma. **Brasil e Moçambique:** diálogos geográficos sobre a pesca artesanal. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2016.